

Editorial

CRIANÇAS, PESQUISAS E UMA PANDEMIA NO MEIO: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

CENA 1

Como uma pessoa fica tão vazia? Quem esvazia a gente?

Fahrenheit 451, de Ray Bradbury

CENA 2. CENA 3. CENA 4...

Emily Victória, Rebecca Beatriz, Kauã Vitor, Maria Alice, Rayane, João Vitor, Ítalo, João Pedro, Douglas, Anna Carolina, Leônidas, Miguel... e tantas outras crianças...

Apresentamos, inicialmente, algumas cenas que compõem nosso cotidiano e que nos envolvem de algum modo. Tristes recortes de um dia a dia que insiste em vingar como tragédia. Nosso objetivo é chamar a atenção para o contexto e as condições em que estamos escrevendo essas reflexões, bem como o contexto e condições de muitos autores e autoras que participaram tão gentilmente deste dossiê, intitulado “Infâncias e pesquisas: problematizações epistemológicas, metodológicas e éticas”. Saber em qual tempo e condições produzimos nossos pensamentos, como concebemos o mundo e o que nele se passa é fundamental para garantir uma justa leitura de seus conteúdos. Importa, e muito, afirmar este período em que buscamos refletir sobre metodologias de pesquisas com e sobre crianças, tema tão importante quanto é pensar sobre as condições em que nossas pesquisas e todos e todas nos encontramos, em que as desigualdades e as injustiças sociais¹ tornaram-se ainda mais evidentes pelo contexto da pandemia² iniciada em 2020 e que se prolonga até os dias de hoje, quando se dá a escrita e publicação deste dossiê, e os possíveis impactos na produção de temáticas e investigações voltadas às crianças.

Reforçamos que essa apresentação – de um dossiê que se faz em tempos de pandemia – exige algumas palavras e reflexões sobre o período, que, seguramente, está entre os piores e mais desafiadores já vividos no mundo. Destacamos o Brasil, onde há uma sobreposição de crises que aprofundam desigualdades e seus desdobramentos em inúmeras injustiças, algumas delas sublinhadas nos excertos com os quais iniciamos o texto. Para melhor compreensão de nossa proposta dividimos esse texto em duas partes: inicialmente trataremos alguns pensamentos construídos ao longo da pandemia relacionando a algumas percepções sobre as mudanças e impactos recentes nas pesquisas e, em seguida, trataremos reflexões breves sobre o dossiê propriamente dito. Como o organizador e a organizadora deste dossiê estão ao lado daqueles e daquelas que se contrapõem ao estado de coisas em que nos encontramos, não poderíamos deixar de sublinhá-lo aqui nestas notas.

Pandemia: contexto e condição de pesquisas com e sobre crianças

Não podemos deixar de lado o contexto e as condições em que os artigos e nossa apresentação foram escritos. Temos diante de nós a oportunidade de pensar sobre o ato de pes-

1 Para aprofundamento das discussões relacionadas à essa temática, recomenda-se a leitura dos artigos publicados no dossiê “Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça” (GOBBI e ANJOS, 2020).

2 Muitas produções escritas - dentre outras modalidades - sobre infâncias, Educação infantil e pandemia tem sido publicadas durante o percurso de organização desse dossiê, dentre as quais, podemos destacar: Dossiês especiais “As crianças e suas infâncias em tempos de pandemia” (SANTOS e SARAIVA, 2020) e “Educação Infantil em tempos de pandemia” (ANJOS e PEREIRA, 2021) e os livros digitais “Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro (GOBBI e PITO, 2021) e o Caderno de Direitos - Retorno à creche e à escola: Direitos das crianças, suas famílias e suas/seus educadoras/es - gestoras/es, professoras/es e funcionárias/os (MELLO, NEGREIROS e ANJOS, 2020).

quisar com crianças e sobre elas no chamado “tempo de pandemia”, em que as relações mais próximas fisicamente, em campo com as crianças, tornaram-se inviáveis e causam, inegavelmente, impactos profundos, sobre os quais importa refletir. Enquanto elaboramos essas reflexões, foram ceifadas mais de 234.850 (duzentas e trinta e quatro mil e oitocentos e cinquenta)³ vidas brasileiras, e, sabemos, este número aumentará, uma vez que a média diária de óbitos vem crescendo, nessas novas ondas de contágio, sem que a primeira tenha findado e com o desenvolvimento de novas cepas do vírus. Ao longo destes últimos meses, ouvimos afirmações veementes proferidas por Jair Messias Bolsonaro, presidente da República do Brasil. Suas palavras, expressas por uma voz autoritária, nos violentam a cada dia em seu tom de deboche somado aos gestos de um corpo que quer se assumir espontâneo perante as câmeras, mas que revela alta dose de descaso em risadas, sorrisos e olhares que mostram, ora escárnio, ora indiferença à população e suas dores. Em seu leque de impropérios, destacamos alguns deles afirmados como verdades desde março de 2020: “isso é uma gripezinha”⁴ (24/03/2020), “E daí? Lamento, quer que eu faça o que? Sou Messias, mas não faço milagres.”⁵ (01/05/2020), ou ainda, de modo autoritário trazem ameaças e constrangimentos ao trabalho de jornalistas ao afirmar “que vontade de encher sua boca com uma porrada” (23/08/2020)⁶, ou “estamos vivendo um finalzinho de pandemia” (11/12/2020)⁷.

Não temos projetos e políticas consistentes para contornar a atual situação brasileira e programas sociais dignos e até o auxílio de R\$600,00 (seiscentos reais) se tornou R\$300,00 (trezentos reais) sob ameaça de deixar de existir. Temos muitos corpos, e muitos, centenas de milhares, sem vida. Segundo pesquisa do economista Daniel Duque, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em agosto de 2020, 38,8 milhões de brasileiros se encontravam em situação de pobreza. Em setembro, o número saltou para 47,4 milhões. Em relação a pobreza extrema, constatou-se que no mês de agosto de 2020, aproximadamente 5,2 milhões se encontravam nessa situação. Em setembro do mesmo ano, o número também apresentou aumento, com 9,2 milhões de brasileiros sobrevivendo diariamente com R\$10,00 (dez reais)⁸. Embora não seja o fio condutor deste dossiê, urge trazer essas questões, para que possamos rumar em direção a respostas sobre as mudanças nas condições sociais e econômicas em que as crianças estão vivendo e o que implica aos processos de investigação, bem como, aos temas a serem pesquisados. Seguramente, teremos nos próximos tempos, grandes mudanças nas temáticas e nas metodologias de pesquisa empregadas. Estamos, por ora, apenas inferindo, sendo esse um mote para próximas coletâneas.

Não à toa trouxemos o excerto aqui exposto e nomes de algumas das muitas crianças assassinadas em diferentes estados brasileiros. Mostram-nos formatos da crueldade humana com trajes sempre bastante semelhantes, quais sejam, uniformes de policiais que afirmam estar em ações comuns ao exercício da profissão, mas que evidenciam práticas de extermínio que precisam ser problematizadas urgentemente. Nuno Ramos⁹ afirmou que Bolsonaro foi na-

3 Dados disponíveis no site Coronavírus Brasil (<https://covid.saude.gov.br/>), cuja última consulta de acesso aos dados foi realizada pelos organizadores deste dossiê em 10 de fevereiro de 2021.

4 Vide matéria intitulada “Bolsonaro volta a chamar coronavírus de gripezinha, critica governadores e gera reação”, disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/24/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes.htm>. Último acesso em 10/02/2021.

5 Leia a matéria intitulada “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; ‘Sou Messias, mas não faço milagre’”, disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Último acesso em: 10/02/2021.

6 Matéria “Bolsonaro diz a repórter: ‘Minha vontade é encher tua boca com uma porrada’” disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/23/bolsonaro-diz-a-reporter-vontade-que-tenho-e-encher-sua-boca-de-porrada.htm> Último acesso em 10/02/2021.

7 Confira a matéria “‘Estamos vivendo um finalzinho de pandemia’, diz Bolsonaro apesar da alta de mortes de Covid”, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/12/estamos-vivendo-um-finalzinho-de-pandemia-diz-bolsonaro-apesar-da-alta-de-mortes-de-covid.shtml>. Último acesso em: 10/02/2021.

8 Vide matéria “Mercado de trabalho não dá qualquer sinal de recuperação, diz pesquisador”, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/mercado-de-trabalho-nao-da-qualquer-sinal-de-recuperacao-diz-pesquisador.shtml?origin=folha>. Acesso: 11/02/2021.

9 Acesse a matéria “Brasil enfrenta duplo apocalipse com Bolsonaro e coronavírus, reflete Nuno Ramos”, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/05/brasil-enfrenta-duplo-apocalipse-com-bolsonaro-e>

turalizado junto às suas falas e práticas aparentemente caóticas, mas bastante bem pensadas. Aparente, pois se trata de um caos proposital, um projeto de caos em que nos enganamos ao afirmar que estamos diante de um desgoverno. Ao contrário, pois há uma gestão desse evidente ingovernável que, ao nos colocar cotidianamente diante da desordem, tudo parece ser possível e ficamos enredados, inativos ou com ações difusas, ainda pioradas ao longo da pandemia. E as crianças? Estão lá, em meio a desejos, necessidades urgentes de diferentes alimentos para o corpo e para a imaginação, coisas abortadas diariamente.

Muitos são os efeitos causados pela pandemia: efeitos sociais, emocionais e psíquicos. Ela evidencia ainda mais a desigualdade social, em que estávamos mergulhados e que agora estão despidas radicalmente em frente aos nossos olhos. Convivemos com o vírus. A situação brasileira mais intensamente dramática. Para onde vamos? Essa é uma pergunta frequentemente repetida, mas não suficientemente respondida, a sensação é estar fazendo o mapa de destino enquanto o barco encontra-se à deriva.

As pesquisas têm sido muito afetadas. Estamos enredadas/os a isto e nosso tempo, que exige produção, internamente está em polvorosa. Algo que julgamos importante é não nos silenciarmos, e não só em relação às pesquisas, mas já que estamos aqui para comentar rapidamente sobre essa questão, não podemos nos silenciar pois nossas produções nesse tempo ou dele originadas estão marcadas por uma pandemia e esse registro tem que estar presente em nossos escritos. Vale mencionar que segundo artigo¹⁰ de Janaina Garcia escrito para o site UOL em 26/05/2020, a produção acadêmica das mulheres diminuiu substancialmente neste tempo, isso em maio, imaginem agora como a continuidade desse contexto caótico. As condições sociais em que muitas mulheres vivem têm prejudicado enormemente suas atuações e causado questões emocionais como depressão e crises de ansiedade ocasionados pela sobrecarga de trabalho, que, se já era intensa, ampliou-se ainda mais¹¹. Publicamos este dossiê com notícias sobre vacinas¹², mas diante da continuidade deste caos que implica uma tragédia, um crime humanitário, quando se sabe da inoperância no processo de negociação de insumos. Não há diretrizes claras para estabelecer um justo processo de vacinação, além da quantidade insignificante de vacinas. O governo falha mais uma vez ao não definir diretrizes claras a respeito de quem deve receber as primeiras doses¹³ e assistimos estupefatas/os/es e exaustas/os/es a mais uma cena de descaso com o humano. Até o momento foram distribuídas 4,5 milhões de doses¹⁴, número muito aquém ao necessário, considerando o número aproximado de 77 milhões para grupos prioritários¹⁵. Somos mais de 200 milhões de habitantes¹⁶.

Chegamos aqui, com tudo isso em nós, a uma última cena, qual seja, as pesquisas de campo que envolvem investigar com crianças e sobre elas e reflexões possíveis nessa deriva em que nos colocamos ao sabor do tempo e das ações desse tempo, ora freando na manifestação de alguma resistência, ora deixando seguir, inertes.

A literatura que trata de metodologias de pesquisa sobre crianças e com elas alerta so-

coronavirus-reflete-nuno-ramos.shtml. Acesso: 11/02/2021.

10 Artigo "Produção científica de mulheres despenca na pandemia --de homens, bem menos...", disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentuar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm?cmpid=copiaecola>. Último acesso: 10/02/2020.

11 Artigo "Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia", disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>. Acesso em 11/02/2021.

12 Acesse a página "Vacinas contra a Covid-19", disponível em: <https://portal.fiocruz.br/vacinasocovid19>. Último acesso em 11/02/2021.

13 Artigo "Sem diretriz clara, cidades vacinam doulas e terapeutas antes de idosos e casos vão parar na Justiça", disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-10/sem-diretriz-clara-cidades-vacinam-doulas-terapeutas-antes-de-idosos-e-casos-voao-parar-na-justica.html>. Acesso em: 11/02/2021.

14 Matéria "Primeira fase vacina 4,5 milhões de pessoas, 2,16% da população..." disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/11/vacinacao-covid-19-coronavirus-11-de-fevereiro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso: 12/02/2021.

15 Confira matéria "Em plano atualizado, Ministério da Saúde prevê 77 milhões de pessoas nos grupos prioritários da vacinação", disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/22/em-plano-atualizado-ministerio-da-saude-preve-77-milhoes-de-pessoas-nos-grupos-prioritarios-da-vacinacao.ghtml>. Acesso: 12/02/2021.

16 Acesse "Números do Censo 2021", disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/sobre/numeros-do-censo.html>. Acesso: 12/02/2021.

bre o grande desafio que temos ao nos arriscarmos ou optarmos pelas pesquisas em campo. Estar com as crianças questionando seus cotidianos em minúcias e suas redes de relações, suas construções simbólicas e seus artefatos culturais, exige uma disposição grande e o enfrentamento de inúmeras questões que vão se interpondo em campo. Estar com elas exige reconhecê-las como sujeitos sociais, como agentes promotores de mudanças sociais e históricas. Elas são, inegavelmente, criadoras de formas particulares de lidar com o mundo. Por vezes, sua inventividade nem sempre é reconhecida, sobretudo, no universo adulto, cujo adultocentrismo, tão vastamente discutido e ainda tão presente nas relações que estabelecemos com as crianças, não permite maiores aproximações e compreensões deste complexo mundo que exige de nós constantes aprendizados e questionamentos.

E nesses tempos como ir a campo e dar continuidade às pesquisas? Nos orientamos por algumas perguntas: o que é estar em campo quando ele sofre alterações brutais devido a uma pandemia? O que é querer estar em campo com as crianças quando elas não mais estão lá, ou, não podem estar sob pena de ficarem doentes? Ainda, o que é estar em campo quando ele está fechado em acervos e coleções que não podemos acessar? Acreditamos que estabelecer relações com o outro não será a mesma coisa, como não está sendo, o que implica iniciarmos reflexões sobre metodologias de pesquisas, mas também pensar sobre os direitos das crianças, incluindo o direito à educação, à moradia e à cidade, este último englobando os demais.

Ainda temos muitos questionamentos e poucas respostas. Desafio ao lidar com as expectativas, afinal, como conduzir pesquisas que buscam etnografar, estar junto com crianças, com tantas restrições? Como estar com as crianças, após tantas leituras que levam aos questionamentos quanto a percepções tradicionalmente construídas que tinham nas meninas e meninos, desde bebês, pessoas a serem investigadas, sem necessariamente estar junto, mais observadas do que escutadas? Como lidar com aprendizados recentes em que nos colocamos ao lado das crianças em contextos de participação, nas cidades, nas praças, nos grandes centros urbanos, nas favelas, em assentamentos, aldeias, movimentos sociais urbanos e rurais? Como lidar com anseios, após a escrita de projetos que geravam expectativas de ouvi-las, vê-las, estar lá, de corpo inteiro num momento em que o corpo virou objeto de medo, vetor de doenças que podem levar à morte?

Como observar e participar estando longe? Essa pergunta é uma das tantas feitas e que caminham conosco há meses, ora mais, ora menos angustiantemente. Este contexto e estas condições em que estamos têm imposto mudanças de percursos e métodos para a continuidade das pesquisas, ou, ainda, têm demandado alterações nas propostas iniciais. São várias as tentativas de estar com as crianças. Ressaltamos algumas delas, tais como a criação de vídeos que ao serem exibidos em locais onde antes as meninas e meninos estavam com pesquisadores e pesquisadoras que buscavam aproximações, foi uma forma encontrada para manter os vínculos, sendo esse um exemplo presente junto ao Grupo de Pesquisa “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens”¹⁷, em que desenhos produzidos pelas crianças antes da pandemia, em pesquisa sobre crianças em luta por moradia, foram usados em produção de vídeos para serem vistos pelas moradoras das Ocupações situadas na região central da cidade de São Paulo. Outra forma encontrada foi produzir podcasts chamados “Em movimentos”¹⁸ para tratar de assuntos¹⁹ presentes ao longo desta pandemia, tais como gênero e as condições das mulheres, raça, cidade e infância e tantos desdobramentos, outra saída encontrada foi a oferta de materiais para desenho, pintura, fotografia. Desenhar, como registro de observação, é um componente metodológico que tem sido usado para captar, de longe, o cotidiano de crianças em situação de rua, embora possa estar presente independente de pandemias, foi pensado como alternativa para estarmos perto, sem estar em contato físico e ter registros sobre os quais é possível refletir posteriormente.

17 Coordenação professora Marcia Gobbi, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE-USP.

18 Projeto “Em movimentos” disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E9SnU7d4-34&list=PLrONezxELZKFsONw4ajVsJIZf1nK9KAK_. Acesso: 11/02/2021.

19Acesse também o canal do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis – GEPPECI – no YouTube, para ter acesso a debates sobre “Infâncias, Educação Infantil e Pandemia”: <https://www.youtube.com/channel/UC78d98Iz2-iZa0v1W3qSnoQ>. No Instagram também é possível acessar as lives organizadas pelo grupo: @geppeci. Últimos acessos: 11/02/2020.

Algumas das produções têm sido objeto de reflexão sobre as crianças. Esses poucos exemplos, restritos a apenas um grupo de pesquisa, nos servem apenas como motivadores para pensar sobre as mudanças impostas neste período em que o confinamento traz diferentes demandas às pesquisadoras e aos pesquisadores que, em grande parte isoladas e isolados em correspondência aos protocolos sanitários criados em função da covid-19, apontam para outras possibilidades de aproximação e para a prática de pesquisas com as crianças, lembrando, que a depender do grupo com o qual estamos, tal como, crianças em situação de rua, moradoras das periferias de grandes cidades, em assentamentos e ocupações, em luta por terra e por moradia urbana, isso adquire proporções diferentes. Seguramente, as discussões sobre metodologias de pesquisa, em especial, aquelas e aqueles que se dedicam aos estudos com e sobre crianças, futuramente, deverão incorporar reflexões antes e pós pandemia, antes e pós gestões negacionistas que, entre outras ações, promovem o fim de apoios às pesquisas.

Infâncias e pesquisas: problematizações epistemológicas, metodológicas e éticas

Pesquisas com e sobre crianças é o mote deste dossiê, como já mencionado, e foi concebido com o intento de fomentar e contribuir com debates já existentes e por vir que tenham as infâncias no foco de preocupações, cuja pauta volte-se particularmente às questões epistemológicas, metodológicas e éticas utilizadas para se compreender crianças e suas infindáveis relações com o mundo. Tema bastante caro e fundamental, pois implica refletir sobre métodos, práticas de pesquisa, recuperar aspectos que compõem nossa história na constituição de investigações com e sobre crianças, desde bebês. Há uma rica trajetória que nos ensina e fundamenta a relação entre meninas e meninos e pesquisadoras e pesquisadores, ao mesmo tempo que vão sinalizando processos de transformações históricas em que variam as concepções sobre a infância, sobre o que é ser criança em diferentes tempos, contextos e condições apontando para mudanças concernentes aos traçados das pesquisas e aos lugares ocupados por elas junto às investigações empreendidas.

Temos conhecimento de muitas investigações que tratam e concebem meninas, meninos e meninos como agentes, fruto de importantes discussões e aprofundamentos teóricos oriundos dos campos da Sociologia, em especial da Sociologia da Infância, e da Antropologia, especialmente da Antropologia da Criança, e dos Estudos Sociais da Infância. Vale ressaltar que se encontram escolhas metodológicas em que as crianças, desde bebês, tomam a centralidade chegando a exercer forte participação nas pesquisas²⁰, disto deriva ampliação e aprofundamento nos conhecimentos que têm sido construídos sobre as crianças e, por que não, com elas e grande mudança quanto a perspectiva adultocentrada majoritariamente presente, como já questionado por Fulvia Rosemberg (1976), mas que guarda importância fundamental nas relações com as crianças, não se trata de jogar tudo fora e desconsiderar um ou outro.

Questão fundamental a ser tocada refere-se à ética nas pesquisas com as crianças, por vezes, afirmada como informantes privilegiados. Coutinho pontua bem essa questão:

Outro elemento paradoxal é a ética da relação com as crianças na pesquisa, isso porque se partimos do pressuposto que as crianças são as melhores informantes das questões que lhes dizem respeito e que seu ponto de vista deve ser considerado, inclusive sobre a sua disponibilidade de ser ouvida, como procedemos quando se trata de crianças bem pequenas, que não utilizam a fala como principal forma de comunicação? A não utilização da fala não abstêm os adultos da responsabilidade de identificar a disponibilidade, ou não, das crianças para a participação nas pesquisas. Muitas vezes, os estudos referem à importância de considerar a opinião das

²⁰ Acesse o artigo "A criança das pesquisas, a criança nas pesquisas... A criança faz pesquisa? (SANTOS, ANJOS e FARIA, 2017).

crianças, mas ao apresentar o percurso metodológico fica evidente que o que predomina é o interesse do pesquisador em fazer descobertas (COUTINHO, 2016, p. 765).

Ângela Coutinho indaga-nos sobre questões éticas sobretudo quando estamos com bebês, se agentes, como considerar suas falas, suas práticas, como nos comunicamos com elas e eles e quais usos fazemos das “informações” construídas com elas? Perguntas, processos e resultados de pesquisas são formulados diferentemente: como realizamos pesquisas quando encaramos as crianças como agentes e produtoras de culturas infantis? E quando as pensamos em instituições como famílias, creches, pré-escolas e escolas, templos e igrejas? Como é pesquisar quando temos a cidade como pano de fundo e produto das relações com as crianças, entre elas e adultos e adultas? Cidade, educação, em todos os níveis, família, religião, processos de socialização, relações de gênero, raça, classes sociais, são algumas das questões que envolvem as pesquisas e sofrem mudanças de acordo com os tempos e espaços em que são feitas, concepções que as orientam, como já é sabido.

O dossiê “Infâncias e pesquisas: problematizações epistemológicas, metodológicas e éticas”, tem como objetivo a problematização das questões que envolvem a produção de investigações com crianças e infâncias em diferentes contextos e cotidianos das cidades. Que dilemas e desafios epistemológicos, metodológicos e éticos os pesquisadores e as pesquisadoras tem enfrentado quando se trata da produção de conhecimento científico a respeito das crianças e suas infâncias?

Partindo do princípio de que as questões epistemológicas, metodológicas e éticas orientam nossos modos de fazer pesquisa com/sobre crianças e suas infâncias, nos interessa reunir e compartilhar análises e perspectivas que nos apontem itinerários de pesquisas, incluindo seus percalços e descobertas, como possibilidades de enriquecimento de um debate e de um campo em construção que ainda possui muitos desafios quando se trata de dar voz e vez às crianças nas pesquisas.

No que se refere aos instrumentos e fontes, também nos interessa conhecer a diversidade de caminhos adotados nas pesquisas com crianças e infâncias, dentre os quais, podemos citar o uso de desenhos, das fotografias, dos registros escritos e dos periódicos, bem como as proposições de oficinas, rodas de conversa ou dinâmicas, dentre outros possíveis instrumentos e fontes de pesquisa adotadas como formas de conhecer os modos de vida das crianças.

Os artigos que compõem esse dossiê apresentam inúmeras inquietações, ora voltadas para o exato contexto pandêmico em que pesquisávamos e deixamos de fazê-lo criando outras propostas de investigações com as crianças, mesmo distantes fisicamente, e outros que tratam das pesquisas com distintas abordagens em que contextos variados são expostos. Buscamos organizar esse dossiê de maneira a contribuir com pesquisas em andamento e futuras e na torcida pela vacina para todes, todas e todos de forma pública e gratuita para voltarmos aos nossos campos e com as crianças.

O convite para leitura de todos os artigos levou-nos a não os tratar individualmente como costumeiramente se faz em apresentações de dossiês. Afirmamos apenas que as leituras levarão a excelentes caminhos definidos por pesquisadoras e pesquisadores das infâncias, cujas temáticas permitem compreensões variadas sobre metodologias de pesquisas com as crianças e sobre elas em diferentes contextos. Como forma de organizar os artigos e para continuar reforçando o convite já feito, podemos definir os temas entre aqueles que derivam do debruçar sobre luta por moradia, em pesquisas com crianças, algo ainda original para os estudos da infância coadunados aos estudos urbanos e da educação e outra que se apresenta no atravessamento do tema de modo mais amplo, não tendo a infância como principal temática, mas sensibilizando-se para ela. A esses temas somam-se preocupações que motivam a investigação sobre infância e cidade, em grandes centros urbanos. Ao pensar sobre isso, as pesquisas sobre crianças imigrantes ganham acento. Ora, ao observá-las nas cidades carecemos refletir sobre as diferentes crianças que a ocupam e que como tantas outras não são foco de preocupações, seja em pesquisas ou em formulações de políticas públicas.

Temas como participação das crianças diretamente nas pesquisas, suas vozes, silencia-

das ou escutadas, em ambientes rurais, ribeirinhos, em regiões centrais de uma grande cidade, onde parece impensável a presença de crianças em especial, “no centro” da cidade e da vida, entre ruas e avenidas, por vezes, inóspitas e vistas como desapropriadas às crianças. As pesquisas nos provocam, incômodos diante de um quadro de afastamento de crianças, desde bebês, de discussões urbanas e educacionais, e mais, deslocamentos, sobre nosso papel e presença diante das crianças... afinal, o que somos? Quais os princípios éticos que orientam nossas práticas de pesquisa? São tantos temas, tantas e tão importantes pesquisas que se entrecruzam ao longo do dossiê, são indissociáveis à medida em que umas conversam com outras contribuindo para a construção de um importante panorama sobre metodologias de pesquisas com crianças. Esperamos que gostem e que disto derivem novas pesquisas e diálogos.

Referências

ANJOS, Cleriston Izidro dos.; PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Educação Infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 3-20, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79179>.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 762-773, set./dez. 2016.

GOBBI, Marcia Aparecida.; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Dossiê temático “**Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça**”. Práxis Educacional, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 13-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6986>. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6986>.

GOBBI, Marcia Aparecida.; PITO, Juliana Diamente. **Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro**. São Paulo: FEUSP, 2021. DOI: 10.11606/9786587047133. Disponível: <https://doi.org/10.11606/9786587047133>.

MELLO, Ana Maria; NEGREIROS, Fauston; ANJOS, Cleriston Izidro dos (Orgs.). **Caderno de Direitos - Retorno à creche e à escola: Direitos das crianças, suas famílias e suas/seus educadoras/es - gestoras/es, professoras/es e funcionárias/os**. Piauí: EDUFPI / FRENTE NORDESTE CRIANÇA, 2020. Disponível: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Caderno_Direitos_EDULPI_com_ISBN20200725103619.pdf.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação: para quem?** Ciência e cultura, 28 (12), 1976.

SANTOS, Solange Estanislau dos.; ANJOS, Cleriston Izidro dos; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A criança das pesquisas, a criança nas pesquisas... **A criança faz pesquisa?** Práxis Educacional, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 158-175, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v13i25.958>. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/958>.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v.22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez.,2020. Disponível: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1177>.

Organização

Prof. Dr. Cleriston Izidro dos Anjos (UFAL)

Prof^a. Dr^a. Marcia Aparecida Gobbi (USP)